

## **Título do Projeto: A perspectiva do leitor modelo aplicada ao rádio baiano: uma revisão conceitual a partir de um estudo da Rádio Metrópole FM**

**José Henrique Mata<sup>1</sup>**

### **Resumen**

O campo do radiojornalismo e do rádio é normalmente relegado em Salvador. Poucos estudos são desenvolvidos nessa área, embora a atuação das emissoras no mercado local seja intensa. A cidade tem, hoje, 22 emissoras de rádio, entre AMs e FMs. A Metrópole está entre as de maior índice de audiência delas. Entretanto, mesmo sendo a relação com o público uma das características essenciais do rádio, a noção de leitor modelo fragiliza-se ao pensarmos na emissora a ser analisada, que se declara voltada para todas as classes e, no entanto, tem programação específica em sua grade. A Rádio Metrópole FM é uma das mais ouvidas de Salvador e atinge, segundo dados da própria emissora, mais de 300 municípios baianos. Com um perfil jornalístico, a Metrópole afirma atingir as classes A a E em na capital baiana, isso por seu perfil variado de programação, que conta com desde conselheiras sentimentais a notícias e comentários políticos. A polêmica é uma marca da programação da emissora e, segundo seus comunicadores, é ela a responsável pela manutenção e ampliação do número de ouvintes. Esta amplitude faz com que, em grande medida, o leitor projetado seja distinto do leitor inscrito na programação. Buscaremos, então, através de pesquisa de campo, entrevistas em profundidade e análise de programação da Rádio Metrópole FM, compreender seu público, aplicando o conceito de leitor modelo de Umberto Eco.

**Palabras-clave:** radiojornalismo, gêneros radiofônicos, Leitor Modelo, jornalismo, Metrópole FM.

### **Introducción**

Os estudos sobre os gêneros jornalísticos têm tido pouca atenção em relação a outros temas dentro da comunicação. Sabe-se que os trabalhos de maior referência no campo acadêmico sobre o

---

<sup>1</sup> José Henrique Mata foi pesquisador bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb) e bacharel em jornalismo pelo Centro Universitário da Bahia-FIB.

referido assunto foram feitos por Luiz Beltrão e José Marques de Melo. Apesar de sua enorme contribuição para a bibliografia sobre o tema em questão, é preciso atentar para a sua estagnação no ramo do jornalismo impresso.

O advento do rádio como meio de comunicação informativo adotou os gêneros jornalísticos utilizados pelo impresso, porém, como a sua forma de transmissão é diferente de outros meios, ele possui características próprias a sua potencialidade. A pesquisadora Gisela Ortriwano explica que “os fatos podem ser transmitidos no instante em que ocorrem. O aparato técnico para a transmissão é menos complexo do que o da televisão e não exige a elaboração necessária aos impressos para que a mensagem possa ser divulgada. O rádio permite “trazer” o mundo ao ouvinte enquanto os acontecimentos estão se desenrolando” (ORTRIWANO, 1985, p. 80).

A imediaticidade vai gerar a possibilidade de o rádio transmitir os últimos fatos ocorridos na sociedade que sejam de interesse público. O gênero informativo está bastante vinculado à imediaticidade por possuir como subgêneros a nota e a notícia, que são bastante presente no rádio. A cada minuto é possível ficar informado através de notas e notícias sobre os fatos que estão se desenrolando no país e no mundo. Esta realidade está distante dos impressos, que acabam publicando os acontecimentos do dia no dia seguinte, quando a informação já foi difundida pelo rádio e outros meios de comunicação que possui a mesma possibilidade da velocidade da transmissão da informação.

Deve-se levar em conta que toda informação no rádio é transmitida pela fala. Ou seja, o único recurso do qual o radiojornalismo dispõe é o áudio. Por conta disso, é provável que no momento da transmissão de um boletim<sup>2</sup>, a pessoa que está

---

<sup>2</sup> Os boletins são pequenos programas que transmitem as informações principais do dia. A sua programação é constituída por notas e notícias. Normalmente, esse tipo de programa é veiculado nas chamadas “horas cheias” ou “cabeças de horário”, às 17, 18 e 19 horas, por exemplo. (REDUZIR E RELACIONAR COM A DISCUSSÃO)

oralizando, seja o próprio autor do texto ou um apresentador, tenderá a modificar o sentido de uma palavra ou frase no momento da fala. Interferências no momento da oralização também podem ocorrer quando há uma emissão direta.

Ou seja, nas emissões diretas as interferências poderão ocorrer por conta do contato direto do jornalista com o palco da ação. Pois nenhum ser-humano, nem mesmo um jornalista, que ao contrário do que muitas pessoas pensam também se emocionam com os fatos que presenciam, é tão insensível a ponto de aniquilar sensações tristes ou alegres que surjam no desenrolar de uma cena, seja qual for sua natureza. Portanto, esse tipo de transmissão influenciará a emissão da mensagem.

Contudo, isso não acontecerá em caso de reportagens, notas, por serem algo pré-elaborado, portanto não havendo contato direto com o palco de ação no momento da transmissão.

Neste trabalho, o que se buscou foi perceber as principais modificações dos gêneros jornalísticos no rádio, ou seja, as suas características próprias assumidas para serem adaptadas ao meios eletrônico.

O rádio é um meio de grande potencial e que atinge grande parte da população mundial. Por isso é importante atentar-se para a sua potencialidade e as suas particularidades em relação, principalmente, a utilização dos gêneros.

## **Reflexión Teórica**

O rádio continua a ser o meio de comunicação de massa mais popular e de maior alcance da população (FERRARETTO, 2001). Mais popular porque abrange, principalmente, as classes C, D e E (FERRARETTO, 2001) ; de maior alcance da população por seu fator tecnológico. O aparelho receptor de rádio, por ser barato, está ao

---

alcance de uma parcela maior da população. Atinge, portanto, desde o público de baixas condições econômicas, que muitas vezes não dispõe de instruções educativas como acesso a leituras e orientações nas diversas áreas de necessidades humanas.

No Brasil, cerca de 90% dos lares possuem um aparelho receptor (cf. FERRARETO, 2001), o que torna seu potencial de comunicação muito forte. Existem algumas características próprias do rádio que o tornam interessante, fatores esses que explicam porque o veículo não desaparece diante das novidades tecnológicas que se apresentam dia após dia: Internet, televisão com acesso à internet, televisão na internet.

Uma dessas características que tornam o rádio um veículo bastante popular e o aproxima dos ouvintes, é o fato de permitir que estes façam outras atividades enquanto ouvem o programa, ou seja, “os programas tornam-se um acompanhamento para alguma outra tarefa” (MCLEISH, 1999, p. 18). Gisela Ortriwano (1985) também destaca o potencial de transmissão do rádio, justificado pela possibilidade de locomoção do ouvinte e dos aparelhos de rádio. A autora explica que, ao contrário da televisão, o espectador prescinde da presença do aparelho em seu campo visual, podendo realizar atividades enquanto ouve a programação radiofônica.

Diferente dos demais meios de comunicação, o rádio consegue ativar a imaginação do ouvinte. A televisão, por exemplo, mostra tudo pronto e os telespectadores acabam ficando presos às imagens mostradas por eles. Já o rádio não. Ele realmente mexe com a imaginação, faz cada pessoa construir o seu ambiente em relação a determinados assuntos (SALOMÃO, 2003, p. 26). Esse é um dos grandes diferenciais do rádio e um dos elementos que mais lhe atribuem validade. Além disso, o rádio tem em suas características essenciais o imediatismo. Esse é um dos meios de comunicação mais instantâneos e imediatos da atualidade, senão o mais deles.

O que diferencia o texto do rádio em relação aos veículos da imprensa escrita é a instantaneidade. O ouvinte só tem uma chance para entender o que está sendo dito. Lembre-se que a mensagem no rádio se “dissolve” no momento em que é levada para o ar. Para que a missão de conquistar o ouvinte seja alcançada, o texto deve ser coloquial. (BARBEIRO, 2003, p. 72).

Mas atualidade e instantaneidade não são tudo. O jornalismo de rádio deve ser próximo, deve sempre levar em consideração o público, seus interesses e suas especificidades. Para tanto, os jornalistas de rádio devem sempre ter em mente que estão, antes de tudo, fazendo jornalismo. Por isso, os valores notícia (TRAQUINA, 2004) e os critérios de noticiabilidade (ERBOLATO, 1991) devem ser observados. Para Ferraretto (2001), o profissional que trabalha em uma rádio com conteúdo jornalístico deve analisar se um acontecimento possui atualidade, proximidade com o ouvinte, universalidade e se fala sobre pessoas importantes da sociedade. O autor classifica política editorial como um conjunto de parâmetros de trabalho que direcionam a atividade da empresa de comunicação. Esses parâmetros são definidos a partir do posicionamento ideológico da emissora, da estrutura e possibilidades econômicas da empresa, em uma idéia do que o público espera em termos de programação e no senso comum do que é socialmente aceito. “Na maioria das vezes, o peso maior é o interesse da empresa que representa o grupo dominante na estratificação social, quando deveria ser o da sociedade” (FERRARETTO, 2001, p.281). Assim, será possível compreender quem é, o que pretende e como pensar a informação para o público de uma emissora específica – na presente pesquisa, a Rádio Metrópole FM.

## **Leitor Modelo**

Um texto é um artifício que tende a produzir seu próprio leitor-modelo. O leitor-empírico é aquele que faz a conjectura sobre o tipo de leitor-modelo postulado pelo texto. O que significa que o leitor empírico é aquele que tenta conjecturas não sobre as intenções do autor empírico, mas sobre as do autor-modelo. O autor-modelo é aquele que, como estratégia textual, tende a produzir um certo leitor-modelo. (ECO, 2001b, p.15)

Desta maneira, Umberto Eco apresenta o esquema básico que explica o conceito central dessa pesquisa. Para ele, “o leitor-modelo constitui um conjunto de condições de êxito, textualmente estabelecidas, que devem ser satisfeitas para que um texto seja plenamente atualizado no seu conteúdo potencial” (ECO, 2005, p. 45). Estes autores são, na verdade, hipotéticos, e se marcam como estratégias textuais. Mas para que esse conceito seja compreendido, é importante termos em mente um contexto discursivo e acadêmico mais amplo. Silva (2002) nos lembra que todo discurso é resultado de um processo de interação social. O discurso, então, não é apenas resultado deste processo, como também um dos elementos centrais que o compõem: “A linguagem é incapaz de apreender um significado único e preexistente: o dever da linguagem é, ao contrário, mostrar que aquilo de que podemos falar é apenas a coincidência dos opostos” (ECO, 2001a: 45). Assim, discursos produzidos sobre uma mesma temática em distintos momentos históricos e/ou sociais possuem representações e sentidos variadas frente ao público e à sociedade. Isso porque o texto não se compõe por si, mas ele prescinde do auxílio, da ação, da participação do leitor. “O texto está, pois, entremeado de espaços brancos, de interstícios a serem preenchidos, e quem o emitiu previa que esses espaços e interstícios seriam preenchidos e os deixou em branco [...]” (ECO, 2005, p.37). É

fundamental ressaltar, entretanto, que essa interpretação mais aberta, mais relacionada ao público tem, claro, seus limites. Como afirma Eco (2001b, p.XXII):

dizer que um texto é potencialmente sem fim não significa que todo ato de interpretação possa ter um final feliz. [...] Isso significa que o texto interpretado impõe restrições a seus intérpretes. Os limites da interpretação coincidem com os direitos do texto (o que não quer dizer que coincidam com os direitos do seu autor).

São distintas posturas propostas e representadas por enunciadores variados, que podem ser transmitidos por um locutor que manifeste enunciados de distintos enunciadores ou o contrário, diversos locutores que assumam e apresentem o discurso de um mesmo enunciador (DUCROT, 1987).

O dispositivo de enunciação é composto de três aspectos através de seus operadores: a imagem daquele que fala (Enunciador), a imagem daquele a quem o discurso é endereçado (Destinatário, Co-Enunciador) e o tipo de relação estabelecida entre Enunciador-Destinatário (E-D) (FERREIRA, 2004).

É importante considerar, ao estabelecer discussões acerca da enunciação, que o enunciador pode caracterizar-se por duas perspectivas: ser “fonte das referências da situação de enunciação” ou ainda por ser “responsável pelo ato de fala” (MAINGUENEAU, 2001:138). Assim, ainda de acordo com os pressupostos do teórico francês, o enunciador, ao citar diretamente o discurso do outro – recurso muito utilizado no texto jornalístico – exime-se da responsabilidade por esta fala, excluindo-se da posição de enunciador do trecho citado do discurso.

O discurso não se manifesta sem ser influenciado por sua exterioridade, fundamentalmente o jornalístico (JACKS, 2004): “El Discurso es el resultado de todo lo que le parece exterior. En un movimiento complejo, el periodismo muestra y esconde lo que conviene a sus enunciadore por medio de estrategias discursivas” (JACKS, 2004:41). O discurso jornalístico é, essencialmente, constituído pelo relato, pela transmissão, através da perspectiva observadora e discursiva do jornalista – embutido aqui da função de narrador dos fatos. Desta forma, o discurso relatado pelos comunicadores não se constituirá como igual, já que os pontos de vista de cada um dos jornalistas é diverso, o que faz com que os fatos representados sejam também diversos. “O discurso relatado constitui *uma enunciação sobre outra enunciação*; põem-se em relação dois acontecimentos enunciativos, sendo a enunciação citada objeto da enunciação citante” (MAINGUENEAU, 2001:139).

A compreensão de um discurso, sob esta perspectiva, se dá a partir da relação entre o contexto e os agentes do processo de comunicação. Os sujeitos podem determinar os novos sentidos assumidos pelo texto, isso porque, como explica Guimarães (1987:19), “a estrutura da fala [...] é uma estrutura social”. A argumentação deste autor fundamenta-se nos estudos de Bakhtin (1999), que trata o discurso como produto da interação social. Esta interação considera, também, como elemento determinante para a compreensão dos enunciados, as condições de produção do discurso, o contexto de seus co-enunciadores e as ideologias que ele carrega.

Indursky (1997:19) retoma as discussões de Pêcheux acerca das análises de ideologia e fazer discursivo: “os AIE [Aparelhos Ideológicos do Estado] não são puros instrumentos da classe dominante concebidos como máquinas ideológicas que se limitam unicamente a reproduzir as relações de produção existentes.” Assim, como destaca o teórico francês, os AIE remetem e compõem as condições ideológicas que intervêm nas relações de produção do



discurso.

Muitas vezes, a multiplicidade de contextos que determinam novas representações e/ou (re)criações dos discursos em um dado ponto da sociedade faz com que os sujeitos autor e co-enunciador dos discursos originem uma crise em sua constituição de identidade. A identidade do sujeito apresenta e representa suas especificidades, retratando-o aos co-enunciadores. Na sociedade contemporânea, na qual os sujeitos têm, necessariamente, que "atuar" em distintas frentes, representando múltiplos papéis, quando se inserem em variadas representações e momentos sociais, está se constituindo uma crise das identidades individuais (HALL, 2003). Em períodos de crise, estas intensificam-se e se recriam.

Mesmo a AD trabalhando com efeitos de sentido e com uma multiplicidade de interpretações de uma dada manifestação, é necessário que se tenha atenção para que não se caia no que Eco (2001b) denomina de superinterpretação, isto é, as leituras inadmissíveis de certas construções discursivas. "podemos reconhecer, e de fato reconhecemos, a superinterpretação de um texto sem necessariamente conseguirmos provar que uma determinada interpretação é a correta, ou mesmo sem aderir à crença de que deva existir *uma* leitura correta" [grifos do autor] (COLLINI in ECO, 2001b: 10).

No estudo em questão, no período ditatorial brasileiro, por exemplo, considerado como uma fase de grande agitação social, a necessidade de flexibilizar posicionamentos políticos, de manifestar suas posturas políticas de maneira velada ou de concordar com o sistema político vigente, está sujeita a gerar uma multiplicidade de identidades culturais, sociais e individuais. Os sujeitos passam a apresentar máscaras que simulam suas representações de acordo com o contexto sócio-político em que se inserem. Entre estes sujeitos vale destacar não somente a eles, mas também organizações e instituições, como ocorre com parte da mídia. As relações entre

identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimentos e crenças, são, como apresenta Silva (2002:09), reforçadas pelos “efeitos constitutivos do discurso”.

A AD encontra no discurso polêmico um de seus objetos centrais (ORLANDI, 2001), isso porque, se esta linha teórica busca identificar efeitos de sentidos e construções de efeitos de sentido nos discursos, as lacunas e silenciamentos constantemente utilizados como estratégias argumentativas em discursos polêmicos geram amplas análises por parte dos sujeitos autores e co-enunciadores de uma dada formação discursiva (FD). Foucault (2000) explica que o discurso, seguindo seus preceitos e conceituações, é constituído por um grupo de enunciados que advém de uma mesma FD. Esta formação, ainda segundo o autor, seria regida por determinadas regularidades, tais quais: ordem, funcionamento, correlação e transformação. Haveria, então, uma intertextualidade entre as noções de enunciado e FD, uma interdependência: “A regularidade dos enunciados é definida pela formação discursiva que estabelece, para os enunciados, uma lei de existência” (INDURSKY, 1997:32).

Apoiando-se em Foucault, Pêcheux (1997) destaca que o discurso, pertencendo a um gênero ideológico, interfere na noção de FD, através de elementos não-discursivos. Estes elementos comporiam o que o autor denomina como Formação Ideológica (FI) e se definem pela inter-relação em um conjunto de atitudes e representações não individuais e não universais, que, no entanto, se relacionam a posições de classes em constante conflito.

As FI comportam necessariamente uma ou várias FD interligadas que determinam “o que pode e o que deve ser dito” em uma manifestação discursiva, em uma certa relação de lugares, no interior de um aparelho ideológico e inscrito em uma relação de classes (INDURSKY, 1997:32).

Desta forma, assim como o sentido do enunciado é determinado

pelas relações instituídas em uma dada FD, esta também está determinada pela FI que a origina.

O discurso jornalístico, assim como a maior parte da argumentação polêmica e das temáticas tidas como tal, apóia-se em recursos sintáticos para construir e/ou reforçar sua eficácia. Entre as estratégias mais comuns à produção discursiva polêmica, caracteristicamente argumentativa e carregada de elementos ideológicos, estão as lacunas discursivas e o silenciamento discursivo. Chauí (1980) lembra que uma das maneiras pela qual a ideologia se manifesta em um discurso é a idealização, a sistematização, a determinação e, em alguns casos, a imposição de valores, idéias e normas de conduta aos sujeitos de um dado grupo social. Assim, para Brandão (2002), a ideologia não é – e nem deve ser – explicitada em um discurso, sob o risco de se fragilizar e até mesmo se perder ao expor suas contradições sociais e suas diferenças. “Essa manobra camufladora vai fazer com que o discurso, e de modo especial o marcadamente ideológico, se caracterize pela presença de “lacunas”, “silêncios”, “brancos” que preservem a coerência de seu sistema” (BRANDÃO, 2002:21).

Ao trabalhar com estas manobras e estratégias de inserção de múltiplos efeitos de sentidos em uma manifestação discursiva, Brandão apresenta a inserção da noção de ideologia na composição do discurso. O material discursivo, notadamente o jornalístico, é povoado de múltiplas intervenções ideológicas, que denotam, de acordo com as alterações sofridas e identificadas em uma variedade de elementos que interferem nas condições de produção e de interlocução que o compõem, possíveis compreensões e efeitos de sentido que este pode adotar. Indursky (1997:20) destaca que

*no âmbito da AD, o discurso não reflete a ideologia como algo que lhe é exterior, mas a mostra, enquanto efeito de sentido, porque ela é constitutiva da **prática discursiva**. Vale dizer que o efeito de sentido funciona como indício da*

*interioridade da ideologia* [grifos da autora].

Desta forma, a AD trabalha com representações ideológicas e seus objetos, utilizando-se, para isso, de uma interiorização nos processos de construção de efeitos de sentido.

Ao analisar alguns dos elementos que compõem o contexto de um discurso – a interdiscursividade e a intradiscursividade, trabalha-se com uma lógica de linearidade. Na tentativa de sistematizar as conceituações apresentadas, pode-se organizar estes dois elementos em eixo de um gráfico: o eixo vertical diria respeito à intertextualidade, que lida com distintos níveis e com distintas áreas do conhecimento. Já a intradiscursividade, que trata do discurso no discurso, o discurso em si, está localizada no eixo horizontal, no qual o conhecimento anterior do sujeito, que foi acumulado até o momento da produção e/ou da interlocução com o discurso, retifica as representações, (re)construções e múltiplos efeitos de sentido do discurso proposto. “O intradiscorso opõe-se ao interdiscorso como as relações entre os constituintes do discurso às relações deste discurso com outros. Mas é preciso recusar toda representação que oporia um “interior” e um “exterior” do discurso como dois universos independentes”. (MAINGUENEAU, 1998:87)

Intertextualidade e intratextualidade têm relação próxima com a noção de dialogismo proposta por Bakhtin (1981). O discurso, seja ele jornalístico, cotidiano ou de outra natureza, forma-se a partir de uma combinação de diálogos – em linearidades variadas. Esta interação origina-se de uma troca de experiências, de ideologias, de informações que, conjugadas, compreendem e geram as múltiplos efeitos de sentidos em um determinado discurso. Se o discurso somente está efetivamente finalizado no instante em que o co-enunciador o interpreta, então o diálogo, incluído na perspectiva da intertextualidade, tem seus efeitos de sentido multiplicados ao sofrer intervenções do contexto pessoal e social em que o sujeito co-

enunciador se encontra. Entretanto as interferências na construção discursiva não estão apresentadas somente no campo do co-enunciador, mas também no momento da produção.

A partir do dialogismo, da intertextualidade e da intratextualidade, os sujeitos envolvidos no processo de construção discursiva chegam às interpretações do que é dito, considerando, também, o não-dito nesta avaliação.

A interpretação é o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é "materializada" pela história, visto que, no silêncio, temos as malhas da interpretação, pois foram determinações históricas e ideológicas que permitiram o falar e o silenciar de alguns *dizeres* na constituição do texto (OLIVEIRA, 2003: 36).

A definição do sentido da palavra texto é fonte de muitas discussões e estudos nas ciências da linguagem. Na AD, entre os principais contextos adotados, estão o viés que considera o contexto como elemento interventor no texto e o que o ignora.

texto é associado a duas propriedades estreitamente ligadas que o especificam com relação ao *enunciado* ou *discurso*: o texto tem uma estruturação forte e ele é relativamente independente do contexto. [...] Falando de *discurso*, articulamos o enunciado em uma situação de enunciação singular; falando de *texto*, destacamos o que lhe dá sua unidade, que faz dele uma totalidade e não uma simples seqüência de frases (MAINGUENEAU, 1998:141-142).

Como ressalta Rocco (2003), texto e discurso teriam sentidos distintos. Enquanto o primeiro refere-se à "atualização verbal", o segundo apresentaria uma compreensão mais ampla, referindo-se aos enunciados e considerando, para tanto, as condições de produção.

## **Descripción de la experiencia**

Esta pesquisa foi realizada quando eu ainda era estudante. Eu era associado a um projeto de pesquisa chamado Iniciação Científica, supervisionado por uma professora da instituição. A pesquisa foi financiada pelo governo do Estado, através da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb).

A pesquisa durou um ano, entre agosto de 2007 e julho de 2008. Dedicava mais de 8 horas por dia ao trabalho, inclusive nos fins de semana. Essa oportunidade me ajudou bastante a desenvolver o senso crítico. Até então não sabia muito bem o que era ser pesquisador, mas descobri que a ciência, seja qual for a sua finalidade, contribuiu sobremaneira para o desenvolvimento do ser humano. Se tratando da área de jornalismo, pude ter contato com grandes responsáveis pela formação da opinião pública.

A parte dos fichamentos e discussão sobre as leituras indicadas pela orientadora foram momentos que enriqueceram a minha forma de enxergar a atuação dos meios de comunicação, em particular o rádio, suporte que estudei. Tive também a oportunidade de escrever e apresentar artigos científicos em seminários produzidos pela própria faculdade onde estudava.

A leitura de autores cruciais para o estudo do jornalismo ajudou até mesmo no meu desempenho. Ler, fichar os livros e escrever para enviar a orientadora era tarefa quase que diária, e o meu desenvolvimento foi espetacular.

Estar em contato com o conhecimento é algo que ajuda qualquer ser humano a se desenvolver, e essa pesquisa me tornou bem mais crítico não só com o campo jornalístico, mas com a vida.

Atuar na área acadêmica foi muito importante e pretendo continuar desenvolvendo outras pesquisas para contribuir com a

bibliografia em jornalismo, tornando-me cada vez mais crítico e atento para as ações dos meios de comunicação de massa.

### **Propósitos a alcanzar com los resultados de la investigación**

Desde a execução do projeto de pesquisa em questão, já se projetava sua possível continuação em uma pesquisa de pós-graduação. A idéia é realizar uma pesquisa de mestrado, onde iremos além do que foi apresentado no resultado da pesquisa inicial. A primeira versão da pesquisa se ateve apenas a discutir a adaptação dos gêneros jornalísticos no rádio e, a partir daí, detectar com base nos gêneros opinativo e informativo qual o leitor inscrito na programação da Rádio Metrópole FM.

Numa estudo de mestrado pretende-se ir além. Tendo como base a convergência midiática, que possibilita o compartilhamento de produção jornalística entre meios de comunicação com características próprias. É provável que a integração das informações entre rádio, jornal, portal e revista acabe por desconsiderar as especificidades dos leitores-modelo de cada veículo. Essa tendência de compartilhamento da produção jornalística nas redes de informação já acontece em vários grupos de mídia do país. Acredita-se que isso possa implicar na dupla relação entre rotinas produtivas e construção do leitor-modelo.

A verificação do nível de convergência dentro dos meios de comunicação se faz necessário para identificar até que ponto esse processo interfere na construção do leitor-modelo. Como a convergência permite que o conteúdo de um veículo seja publicado em outro caracteristicamente diferente, e considerando que cada um projeta um leitor distinto, pode ser que essa convergência provoque choque de leitores ao desconsiderar as especificidades de cada um. O trabalho se fundamentará, principalmente, em análise de conteúdo.

## **Discusión de resultados**

As marcas de silenciamento apresentadas na falta de posicionamento explícito de Mário Kértez e a transmissão que ele faz da responsabilidade e da voz de fala para o ouvinte são as principais estratégias discursivas detectadas nos principais programas jornalísticos da Rádio Metrópole FM. Essa estratégia de atribuição de responsabilidade e voz de fala ao ouvinte ajuda na fidelização desse sujeito, que sente uma proximidade com a emissora que, além de ouvi-lo, configura-se então como sua cúmplice, compartilha de seus problemas e, em muitos momentos, também de sua indignação com fatos da vida cotidiana e política de Salvador. Mário Kértez fala através de seus ouvintes, manifestando seu posicionamento sobre os temas tratados através do tempo que disponibiliza para cada tema e manifestação, além das variações de entonação e ironia que apresenta ao interagir com seu público. As reações do comunicador podem ser lidas, ao traçar um perfil da sua narrativa, como manobras e estratégias para a inserção de múltiplas compreensões da fala. Isso se deve à variedade de perfil do público da emissora soteropolitana que conta, principalmente nos programas de política, com ouvintes de distintas classes sociais, idade e perspectivas político-partidárias. Cada uma dessas classificações específicas de público, com suas variáveis individuais, levam a uma dada compreensão dos códigos sintáticos e semânticos enviados pelo apresentador e por sua equipe. Concordâncias, risos, ruídos, efeitos e até mesmo a negação a se pronunciar sobre um determinado tópico abordado pelo público, aliados ao caráter dialogal e confessional conferido ao programa por sua estrutura de participação constante do ouvinte, que conta seus problemas e apresenta suas críticas – supostamente direcionadas a



qualquer um e não filtradas com antecedência – levam, quando compreendidas pelos distintos padrões de leitores da informação, a interpretações muitas vezes contraditórias. A configuração do leitor-modelo da emissora e/ou do programa não se mostra de maneira clara somente através da observação do produto<sup>3</sup>. Mas pode ser apontada como a de um perfil sócio-cultural múltiplo, o que pode revelar a origem da variedade de estratégias discursivas adotadas e da sempre constante característica do comunicador de evadir-se de tomadas explícitas de posicionamento em relação aos assuntos mais polêmicos. A combinação de diálogos entre comunicadores e ouvintes atribui parte da responsabilidade ao próprio ouvinte, que tem a voz de fala (ainda que controlada por ferramentas técnicas, por uma seleção prévia do que deve ou não ser dito no ar e pelas reações de Mário Kértez) e, além disso, ainda tem a responsabilidade de decodificar os signos lingüísticos enviados pela equipe de comunicadores, buscando, de forma independente e individual, a compreensão dos efeitos de sentido das mensagens.

## **Bibliografía**

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.

\_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1981.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.

\_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1981.

---

<sup>33</sup> É importante lembrar a dificuldade encontrada no acesso à emissora e aos profissionais que comandam os programas da Rádio Metrópole FM. Depois de inúmeras tentativas, não foi possível aos pesquisadores o acesso às rotinas produtivas dos programas, assim como a realização de entrevistas com os comunicadores responsáveis por eles, o que prejudicou a efetivação desse trabalho de investigação como previsto em projeto.

- BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. Manual de Radiojornalismo: produção, ética e Internet. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- BARBOSA FILHO, André. Gêneros Radiofônicos: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas: EdUnicamp, 2002.
- CAPUTO, Stela Guedes. Sobre Entrevistas: teoria, prática e experiências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é Ideologia*. Ed. Brasiliense. São Paulo, SP. 25a. ed., 1980.
- DUCROT, Oswald. *O Dizer e o Dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- ECO, Umberto. Apocalípticos e Integrados. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- ECO, Umberto. Cinco Escritos Morais. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- ECO, Umberto. Interpretação e Superinterpretação. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ECO, Umberto. Lector in Fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- ECO, Umberto. *Obra Aberta*. 9ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- ECO, Umberto. Os Limites da Interpretação. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- ERBOLATO, Mário L. Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário. 5. ed. rev. e aum. São Paulo: Ática, 1991.
- FERRARETTO, Luiz Artur. Rádio: o veículo, a história e a técnica. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 2001.
- FERREIRA, Giovandro. *O Posicionamento Discursivo da Imprensa*: em busca de uma proposta metodológica. Trabalho apresentado do 70º Congresso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación. La Plata, Buenos Aires, Argentina. 11 a 16 de outubro de 2004.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. São Paulo: Forense Universitária, 2000.
- GUIMARÃES, Eduardo. *Texto e Argumentação*. Campinas: Pontes, 1987.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 8ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- INDURSKY, Freda. *A Fala dos Quartéis e as Outras Vozes*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1997.
- JACKS, Nilda [et al]. *Hermanos, pero no mucho*. Buenos Aires, Stell, 2004.
- JUNG, Milton. Jornalismo de Rádio. São Paulo: Contexto, 2004.
- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. Os Elementos do Jornalismo: O que os jornalistas devem saber e o público exigir. 2ª ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. 2ª edição. Campinas: EdUnicamp: Pontes, 1998.

- \_\_\_\_\_. *Termos-Chave em Análise do Discurso*. Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 2001
- MEDINA, Cremilda. *Notícia, Um Produto à Venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. 2ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 1988.
- MEDITSCH, Eduardo. *A Rádio na Era da Informação*. Coimbra: Minerva, 1999.
- MEDITSCH, Eduardo. *Teorias do Rádio: textos e contextos*. Florianópolis, SC: Insular, 2005.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*, 21ª Ed, Petrópolis, RJ: Vozes; 2002.
- OLIVEIRA, Eliézer Rizzo de. *De Geisel a Collor: forças armadas, transição e democracia*. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e Texto*. Campinas: Pontes, 2001.
- ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A Informação no Rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1985.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3º ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.
- ROCCO, Maria Thereza Fraga. *Linguagem Autoritária*. 2 edição. São Paulo, Brasiliense, 2003.
- SILVA, Denize Elena Garcia da; VIEIRA, Josênia Antunes (orgs). *Análise do Discurso: percursos teóricos e metodológicos*. Brasília: UnB.Oficina Editorial do Instituto de Letras; Editora Plano, 2002.
- SOUSA, Jorge Pedro. *Teorias da Notícia e do Jornalismo*. Chapecó: Argos, 2002.
- SOUSA, Jorge Pedro; AROSO, Inês. *Técnicas Jornalísticas nos Meios Electrónicos: princípios de radiojornalismo, telejornalismo e jornalismo on line*. Porto, PT: Oficina Gráfica da Universidade Fernando Pessoa, 2003.
- TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo. Vol I – Porque as notícias são como são*. Florianópolis, SC: Insular, 2004.
- VEIGA, Renata. *Análise da Rotina Produtiva da BandNews FM Salvador*. Monografia de conclusão de curso de Jornalismo. Faculdade Social da Bahia, Salvador, 2006.
- WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Presença, 2003.
- ZUCHI, Ivan Luiz. *O Telefone Celular e o Radiojornalismo ao Vivo nas Emissoras AM de Cascavel*. Monografia. Faculdade de Ciências Sociais de Cascavel. Cascavel, 2004.